

“MINHA CASA MINHA VIDA”: UM ESTUDO SOBRE OS CORTIÇOS CONTEMPORÂNEOS EM FEIRA DE SANTANA - BAHIA

Agnes Magno dos Anjos¹
Hebert Robert Almeida de Oliveira²
Paulo Cesar Matos dos Santos³
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Waneska Cunha dos Anjos⁴

RESUMO

O presente artigo parte da premissa de relação entre o Programa Minha Casa Minha Vida, enquanto política pública do Plano Nacional de Habitação, e o livro “O Cortiço” - obra de Aluísio de Azevedo - levando em consideração os fatores históricos, sociais e políticos na cidade de Feira de Santana. Objetiva-se com ele analisar os empreendimentos do programa e as semelhanças com os cortiços do século passado e como estes tornaram-se os atuais, tendo em vista a utilização da pesquisa bibliográfica enquanto metodologia. É de extrema importância compreender que este trabalho possui análise crítica-social e não é favorável a extinção do PMCMV, entretanto, enxerga que o projeto necessita de melhorias urgentes.

Palavras - chaves: Minha Casa Minha Vida, Cortiço, Feira de Santana.

ABSTRACT

This article starts from the premise of the relationship between the Minha Casa Minha Vida Program, as a public policy of the National Housing Plan, and the book “O Cortiço” - the work of Aluísio de Azevedo - taking into account the historical, social and political factors in city of Feira de Santana. Its objective is to analyze the program's achievements and the similarities with the tenements of the last century and how they became the current ones, considering the use of bibliographic research as a methodology. It is extremely important to understand that this work has social-critical analysis and is not favorable to the extinction of the PMCMV, however, sees that the project needs urgent improvements.

Key words: Minha Casa Minha Vida, Cortiço, Feira de Santana.

¹Estudante do curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Edificações – **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia** – Feira de Santana / BA – agnesmagnosp@gmail.com;

²Estudante do curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Edificações – **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia** – Feira de Santana / BA – hebertroliveira@gmail.com;

³Estudante do curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Edificações – **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia** – Feira de Santana / BA – cesar.paulo.matos@hotmail.com;

⁴Doutora em Ciências Sociais, Mestre em Ciências Sociais com Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais – **Universidade Federal da Bahia** – Salvador / BA – waneskaanjos@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Entre meados do século XIX e início do século XX, a política de higienização - que ocorria em todo o Brasil - se instaura, também, em Feira de Santana. De acordo com Alves:

Aldo Silva examinou a construção de um ideal de cidade saudável, cidade sanatorium, em Feira de Santana na segunda metade do século XIX, que visava, a partir dessa identidade, assegurar uma cidade limpa e segura para o comércio no interior baiano, sendo substituído na virada do século XIX para o XX pelos ideais de cidade civilizada. Clóvis Oliveira assinala que este processo de construção de uma urbe moderna em Feira no início da República atuou no sentido de eliminar da cidade as marcas que memoravam o passado rural e a herança da escravidão, suas práticas e costumes. (ALVES, 2013, p. 15)

Ou seja, existia um sentimento de nação que as autoridades pretendiam recuperar, tomando como referência o modelo de comportamento europeu - um estado branco, cristão e conservador. Com isso, surgiu a necessidade de “limpar” tudo que fosse considerado negativo para a imagem das cidades e que lembrasse um passado colonial - ou seja, mendigos, prostitutas e as populações negras. Vale ressaltar que, nessa época a população que se encontrava nas ruas, ou seja, nos cortiços era, majoritariamente, negra. Por isso, a necessidade e preocupação das elites de desaffricanizar as ruas. Os anos passaram, e a desaffricanização dos centros urbanos ainda continua latente na cidade de Feira de Santana, contribuindo para o processo de favelização na metrópole.

O êxodo rural, que ocorreu em todo Brasil, derivado da industrialização das cidades, na década de 50, ocasionou um processo de aumento populacional nas cidades. Contudo, tal processo não expandiu junto com aumento das moradias, gerando assim, um déficit habitacional.

Com isso, muitos programas e sistemas que visavam reduzir esse déficit de habitações foram pensados e estruturados até chegar ao atual Plano Nacional de Habitação (PNH), que em 2009 constrói o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) - subprojeto do PNH. Este, é um grande marco nacional para a redução das desigualdades sociais, levando em consideração as melhorias nas condições de habitação para indivíduos de baixa renda - tanto em zonas urbanas quanto em zonas rurais. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),

em 2008 (ano anterior ao da implementação do programa), o Brasil possuía um déficit habitacional de 7,9 milhões de moradias, resultando em 21% da população - na época. Conforme Andrade:

[...] A consequente concentração do déficit habitacional na população de baixa renda motivou, em 2009, a criação do Programa Minha Casa Minha Vida. (ANDRADE, 2012, p. 5)

Objetiva-se então, com este trabalho, analisar como e porque o Plano Nacional de Habitação Brasileira fez com que o PMCMV se assemelhasse tanto aos “cortiços” do século passado, partindo da representação de Aluísio Azevedo.

METODOLOGIA

O presente trabalho constitui-se de uma pesquisa bibliográfica. Vergara salienta que:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído, principalmente, de livros e artigos científicos e é importante para o levantamento de informações básicas sobre os aspectos direta e indiretamente ligados à nossa temática. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de fornecer ao investigador um instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa, mas também pode esgotar-se em si mesma. (VERGARA, 2000)

Nesse sentido, propõe-se uma abordagem sobre uma comparação histórica e atual, a propósito do recente *Programa Minha Casa Minha Vida*, enquanto uma e das moradias coletivas do início do século XX, tomando como referência o Livro *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo para dar base à discussão de dados históricos, marco na história do Brasil, ao tempo de uma negociação de abordagens e significados, na tentativa de utilização dos dados documentais da trama para uma abordagem histórica e contemporânea de um projeto de moradia que não é novo.

A proposta é de que a análise bibliográfica seja para além de uma justaposição de dados, lançando mão dos métodos de análise, no intuito de uma sistematização crítica. No intuito de uma oportunidade de negociação de significados e representações entre diferentes áreas do conhecimento como literatura, história e sociologia, pretende-se resgatar Feira de Santana, Bahia, como contemporânea histórica do Rio de Janeiro, á propósito de um Projeto de modernização elitista e desigual que desagregou as populações pobres em localidades e moradias coletivas e separadas do restante da cidade, com o discurso de modernização e

moradia digna.

Fazer uma relação sobre os cenários nos contextos históricos, primeiro introduzindo uma identificação dos projetos e dos objetivos, com objetivos dependentes entre si e como lugar social e cultural, conflitos e disputas de poder, lugar de gente. Sobre a sociedade de Feira de Santana destacarei os dados históricos, geográficos e dados oficiais do Governo e da Caixa Econômica Federal, mentores do projeto.

Trazer o cortiço como objeto histórico-social na cena urbana no pós-abolição e pós-república - buscar-se-á estabelecer espaços de discussão no intuito de uma análise conjunta, apurando o senso crítico quanto a relação memória social e história para relacionar com o projeto contemporâneo.

DESENVOLVIMENTO

O Programa Minha Casa Minha Vida surge como uma política pública de redução do déficit habitacional brasileiro, elaborada através do Governo Federal, que oferece condições atrativas para o financiamento de moradias populares nas áreas urbanas para famílias de baixa renda que tem uma espécie de convênio com estados, municípios, empresas e entidades sem fins lucrativos. Sabendo disso, surge a necessidade do aprofundamento do objeto de estudo: a investigação a relação entre a estrutura do *Programa Minha Casa Minha Vida* em Feira de Santana e as estalagens das moradias coletivas no período do pós-abolição e republicano, representado no Livro “O Cortiço”, obra do autor Aluísio de Azevedo que localiza no Rio de Janeiro e, 1890, mas que serve para uma análise sobre Feira de Santana.

Feira de Santana, localizada a 108 km da capital baiana, atualmente possui 556.642 habitantes, é a segunda maior cidade da Bahia - compreendendo 1.304,425 km² -, possui o maior entroncamento rodoviário do Nordeste. Além disso, é uma das cidades brasileiras que recebeu as obras do PMCMV. De 2009 até o ano de 2018, foram contabilizados 52 empreendimentos da Faixa 1 (famílias com renda de até R\$ 1.800,00), totalizando 18.624 unidades do programa no município.

Os empreendimentos da Faixa 1 são construídos a partir do recurso FAR (Fundo de Arrendamento Residencial). Isto é, o Governo Municipal e/ou Estadual é encarregado de contatar a Caixa para indicar famílias para serem beneficiadas com o recurso, devido ao

grande déficit habitacional urbano. Após isso, a Caixa seleciona, avalia e supervisiona a construtora na execução das obras. Dito isso, segundo Rolnik:

O programa atribui o poder de decisão sobre a localização e o desenho do projeto para os agentes privados. Mesmo no caso da faixa 1, em que o papel de incorporador é formalmente atribuído ao FAR, as empresas privadas são as verdadeiras responsáveis por encontrar e adquirir a terra e por elaborar os projetos. No entanto, o critério para orientar as decisões desses agentes não pode ser outro senão o da rentabilidade. (ROLNIK, 2015, p. 312)

Ou seja, a escolha dos terrenos - e consequentemente, dos bairros em que estão inseridos - é das empresas privadas - que visam apenas o crédito - entretanto, as ações executadas após a inauguração das edificações é do governo local - ou pelo menos, deveria ser. Obviamente, com a escassez de serviços que são julgados como básicos para a população, surgem os empecilhos. Como diz Rolnik:

Apesar dos muitos bilhões de reais em subsídios públicos o programa MCMV não impacta a segregação urbana existente. Pelo contrário, apenas reforça, produzindo novas manchas urbanas monofuncionais ou aumentando a densidade populacional de zonas guetificadas já existentes. (ROLNIK, 2015, p.314)

Sabe-se que com a implantação de um empreendimento do porte do MCMV, a densidade populacional das regiões em que se encontram as edificações tendem a crescer absurdamente. Logo, o acesso a serviços básicos precisam ser garantidos - como transporte público, acesso a educação, a saúde, etc. - contudo, na maioria das vezes, estes são negados.

É de conhecimento geral os locais onde, na maioria das vezes, situa-se a alta sociedade ou o que seria o ambiente de respeito, elitista e aristocrata. Tais são esses os bairros que ficam ao redor do centro da cidade - situação que ocorre também em Feira de Santana. O centro é o local de comércio mais fervoroso, onde evidentemente pode se encontrar de tudo. Isso desencadeia pequenos comércios ao redor do bairro e um caminho mais fácil para o comércio principal, por ser perto. Nesse viés, é perceptível a dificuldade implantada nos bairros periféricos, tais o que ficam mais afastados do centro, são mais amontoados e, por motivos óbvios, surge a obrigação de ser implantado neles mesmos o próprio comércio - que na maioria das vezes não são suficientes, além do valor exacerbado das mercadorias, visto que não há concorrência, logo, a população fica a mercê de uma situação visivelmente preocupante.

É importante frisar a política higienista sendo utilizada em Feira de Santana, onde bairros periféricos - construídos socialmente -, são de acesso complexo, tornando-os mais temidos. Ocorre também a desvalorização monetária das residências, o que facilita pessoas de baixa renda conseguirem uma moradia.

Próximo ao centro, há inúmeros condomínios, terrenos e residências de valor elevado, o que serve como justificativa para na obra do MCMV em tal espaço, abordando que seria muito acima do orçamento. Por conseguinte, as edificações são jogadas para terrenos maiores e mais afastados e dessa forma cria-se o estereótipo dos subsídios de baixa renda, periféricos, com famílias mais carentes, onde possui todo “tipo” de pessoa e onde praticamente todos se conhecem, assim como funcionavam os cortiços. Não seria uma excentricidade afirmarmos que as edificações do Minha Casa Minha Vida são os novos cortiços de Feira de Santana pelos tais fatos apresentados.

A principal obra do naturalista, Aluísio de Azevedo, mostra que para além da moradia, o cortiço é também um local que há diversidade de raças, gêneros, sexualidades... Além de que os habitantes são enxergados como matéria-prima - ou seja, lucro. Esse é o recorte exato do Brasil, como diz Candido:

[...] o cortiço passa a representar também o Brasil, na medida em que o espaço limitado onde atua o projeto econômico de João Romão figura em escorço as condições gerais do país, visto como matéria-prima de lucro para o capitalista. (CANDIDO, 2004, p. 128).

Isto é, mesmo com o passar dos anos, os cortiços crescem e não se extinguem ou diminuem, eles se transformam e modernizam-se. Assim como disse Azevedo em sua obra:

E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco. (AZEVEDO, 1997, p. 07).

Os cortiços continuaram existindo, o que não é um problema. Porém eles, assim como o MCMV precisam se desenvolver à medida que crescem.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após análises executadas acerca das obras do MCMV em Feira de Santana, surge a necessidade explorarmos as pesquisas para obtenção de mais dados, isto é, analisar os bairros

populares como conglomerados das populações de renda baixa, que foram localizados de forma excludente, segregacionista e preconceituosa, quando reafirma as diferenças sociais.

1. Análises de bairros

Tomando, inicialmente, o bairro Aviário como estudo de caso em Feira de Santana, na localidade existem 6 (seis) empreendimentos do programa, totalizando 2.094 (dois mil e noventa e quatro) residências. Estimando-se que todas as famílias residentes destes empreendimentos sejam de 4 pessoas, a população total (somente dos residenciais) é de 8.376 (oito mil, trezentos e setenta e seis) habitantes.

Trazendo como exemplo o Condomínio Vida Nova I - Aviário, nota-se a distância entre o residencial e o centro da cidade que é de aproximadamente 8,2 km (Figura 1).

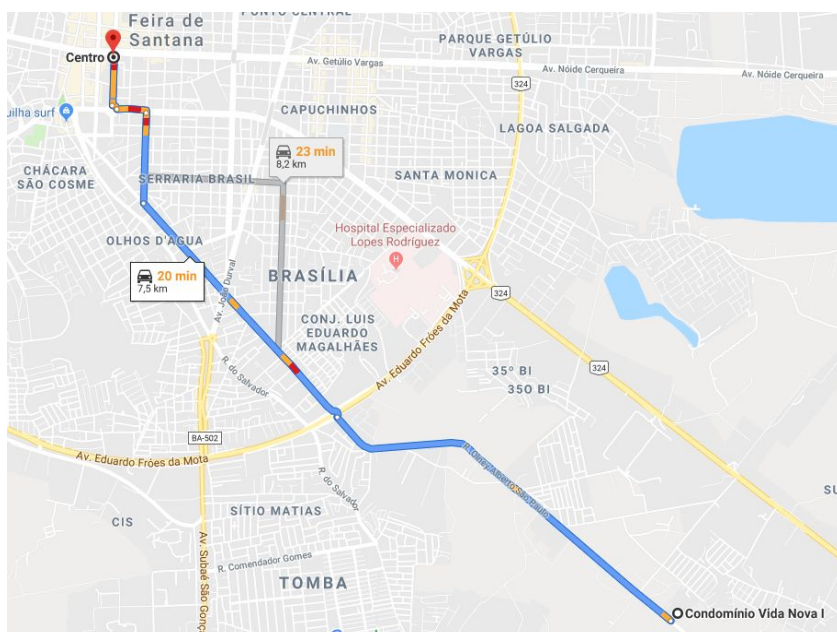


Figura 1 - Distância entre o residencial do MCMV Aviário e o centro da cidade de Feira de Santana

Fonte: Google Maps (2019)

Deslocando-se para o outro lado da cidade, tem-se o bairro Asa Branca, possuindo também 6 (seis) empreendimentos, totalizando 2.492 (dois mil quatrocentos e noventa e dois) unidades, com estimativa de 9.968 (nove mil novecentos e sessenta e oito) habitantes. A distância entre o Condomínio Vida Nova - Asa Branca e o centro da cidade varia entre 8,1 km e 9,1 km (Figura 2).

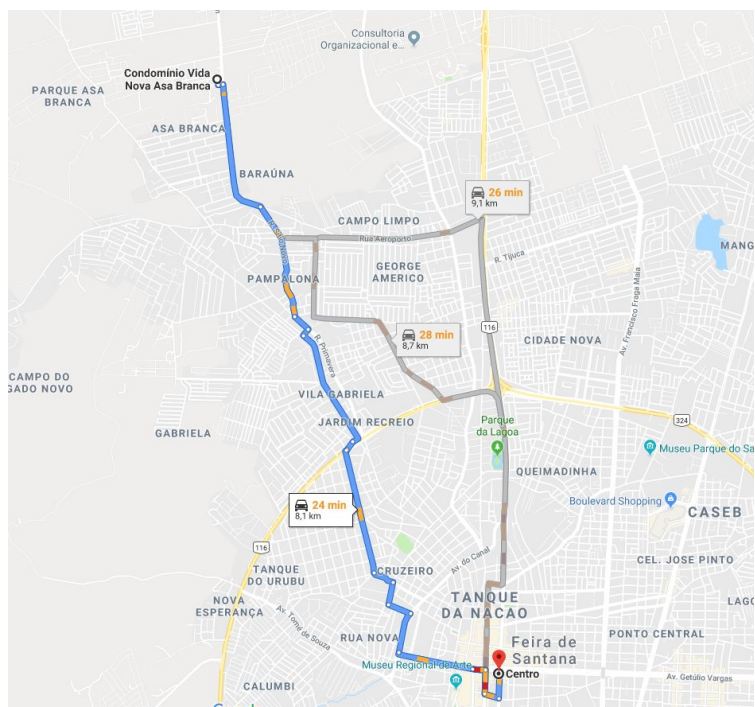


Figura 2 - Distância entre o residencial do MCMV Asa Branca e o centro da cidade de Feira de Santana

Fonte: Google Maps (2019)

Além da distância - que é bastante evidente -, estes bairros apresentam muitas semelhanças: possuem poucas instituições de ensino (duas escolas municipais e uma estadual no Aviário e apenas uma escola municipal na Asa Branca), as unidades de saúde são insuficientes (um posto no Aviário e dois na Asa Branca), além das frotas de ônibus serem baixíssimas (seis veículos para as duas rotas do Aviário e cinco para as duas rotas da Asa Branca). É bastante perceptível o descaso do Estado para com essas localidades e as questões urbanísticas, como afirma Rolnik:

De modo geral, elas oferecem poucas oportunidades de desenvolvimento econômico e cultural aos seus moradores e mantêm características de bairro-dormitório, com baixa qualidade urbanística. (ROLNIK, 2015, p.314)

Com as afirmações acima, fica evidenciado que há uma deficiência na gestão do Plano Nacional de Habitação. O PMCMV, como dito anteriormente, é um marco na sociedade brasileira, entretanto, o mesmo necessita de pilares mais resistentes. Isto é, torna-se necessário as ações governamentais em relação a isso (implementação de mais instituições de ensino, construção e aprimoramento das unidades de saúde, melhoria no transporte público..), pois

isso reflete diretamente na qualidade de vida das pessoas que residem nesses bairros - que deve ser digna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que propões esse artigo não é uma crítica, especificamente, ao PMCMV, muito pelo contrário. Entende-se, nitidamente, a importância e a necessidade que tem-se com esse marco do programa que é um redutor do déficit habitacional. Contudo, é um programa que oferta a possibilidade de posse de uma habitação (edificação), mas que, efetivamente, não garante a habitação.

Outrossim a destacar, é que os cortiços aqui também não estão sendo julgados. Procurou-se ao longo deste trabalho elencar as características, e relações observadas em ambas as edificações do MCMV e o cortiço relatado na obra de Aluísio de Azevedo.

A forma como são pensadas essas as edificações, é que precisam ser problematizadas e questionadas. Afim de buscar melhorar, aperfeiçoar, ou até mesmo construir esses espaços onde são colocados as moradias do MCMV. Visto que, pensar edificações, não trata-se apenas de uma “casa” isolada do espaço. Sem espaço não há edificação, não há habitação. Portanto, faz mais que necessária a implantação de medidas, que já são conhecidas e simples, para solucionar esse grande impasse.

AGRADECIMENTOS

Os autores deste trabalho agradecem ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - *campus* Feira de Santana. Em especial a Waneska Cunha dos Anjos, Marta de Souza França e Daiane Silva Oliveira, pelo suporte necessário na construção deste artigo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Chintamani Santana. **TRAMAS DA TERRA: CONFLITOS NO CAMPO NA TERRA DE LUCAS, 1900-1920**. Orientadora: Elciene Rizzato Azevedo. 2013. 220 p. Dissertação (Mestrado em História) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE

SANTANA, Feira de Santana, 2013. Disponível em:
<http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/197>. Acesso em: 20 ago. 2019.

ANDRADE, Gabriel Vieira Marx. **POLÍTICAS HABITACIONAIS BRASILEIRAS: UMA AVALIAÇÃO DO PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA EM SUAS DUAS EDIÇÕES**. Orientadora: Prof. Klitia Valeska Bicalho de Sá, D. Sc. 2012. 86 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Engenharia de Produção) - Escola Politécnica, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2012. Disponível em: <http://monografias.poli.ufrj.br/monografias/monopoli10004918.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2009. **PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS: SÍNTESE DE INDICADORES 2008**. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em:
<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=242672>. Acesso em: 17 ago. 2019.

CAIXA ECONOMICA FEDERAL. **O QUE É O MINHA CASA MINHA VIDA**. Disponível em:
<http://www.caixa.gov.br/voce/habitacao/minha-casa-minha-vida/urbana/Paginas/default.aspx>. Acesso em: 18 ago. 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2011. **RESULTADO DOS DADOS DO CENSO – 2010**. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/feira-de-santana/panorama>. Acesso em: 18 ago. 2019.

ROLNIK, Raquel. **Minha Casa Minha Vida e financeirização da moradia no Brasil: Minha Casa Minha Vida - "efeitos colaterais"?**. In: ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças**. Brasil: BOITEMPO, 2015. cap. 1.

AZEVEDO, Aluísio de. **O Cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997. 118 p. Disponível em:
http://download.uol.com.br/vestibular2/obras_literarias/ocortico_aluisioazevedo.pdf. Acesso em: 18 ago. 2019.